Laboreal

Volume 8 N°2 | 2012

A antropotecnologia, ferramenta ou engodo?

Editorial

Cecília De La Garza e Mário Poy

Tradutor: Jonas Leitão e Marianne Lacomblez.

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/laboreal/6433>

DOI: 10.4000/laboreal.6433

ISSN: 1646-5237

Editora

Universidade do Porto

Referência eletrónica

Cecília De La Garza e Mário Poy, « Editorial », *Laboreal* [Online], Volume 8 N°2 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 24 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/laboreal/6433> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/laboreal.6433>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 setembro 2020.

Laboreal está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Editorial

Cecília De La Garza e Mário Poy

Tradução : Jonas Leitão e Marianne Lacomblez.

- 1 Um encontro e uns intercâmbios, há já alguns anos, entre colegas da Argentina e do Chile, levaram-nos, uns tempos mais tarde, a um percurso mais extenso envolvendo outros colegas, da Suíça, de Portugal e de França, cujo resultado, frutífero, se concretiza nesta edição que agora apresentamos, e de que Carole Baudin foi o fio condutor.
- 2 Um especial agradecimento vai então, tanto para Carole Baudin como para Philippe Geslin, por terem cooperado ativamente na organização de um dossier que reúne contributos tratando essencialmente da questão: *“Intervenção nas práticas laborais multiculturais: abordagens e conceitos. O programa antropológico de Alain Wisner ainda manterá a atualidade?”* Não podemos deixar, também, de expressar o nosso reconhecimento aos colegas que colaboraram na revisão dos artigos deste número: Marina Serrano e Jorge Walter, assim como os membros do comité científico de Laboreal.
- 3 Esta edição propõe uma viagem do passado ao presente, tomando como ponto de partida o texto de Alain Wisner “A antropotecnologia, ferramenta ou engodo?”, no qual realça o contributo da análise ergonómica da atividade na compreensão de uma situação complexa, como o é a do trabalho humano, desenvolvendo a partir daí o tema da transferência tecnológica. O autor recorda-nos três tipos de transferências, às quais se podem agregar hoje outras - como a deslocalização, efetuada por razões de custo de mão de obra, ou ainda a produção de bens destinados ao consumo do país produtor, como é o caso da indústria automóvel. “As doenças do desenvolvimento”, como assinala Leda Leal Ferreira na sua introdução deste texto histórico, aumentaram já que a “transferência” se estendeu, passando da implantação de uma máquina ou da construção de um edifício a partir de uma planta concebida por inteira noutra região do mundo, para a transferência de novos instrumentos de diagnóstico utilizados na reparação de automóveis, em resultado da introdução da eletrónica na indústria automóvel (Granovsky & Poy), ou para a transferência de modos de organização e de novas formas de internalização do trabalho como acontece nos centros de teleatendimento (Sznclwar & Abrahão).

- 4 Philippe Geslin, no seu texto de cariz introdutório “A circulação dos homens e das técnicas”, apresenta uma breve história da antropotecnologia e suas evoluções na França e no mundo. O autor insiste na dimensão internacional e estratégica da antropotecnologia e na necessidade de fortalecer relações com organismos multilaterais como a Organização Internacional do Trabalho (Wisner já tinha estabelecido, nos anos 70, estreitas relações com o PIACT – Programa Internacional para a Melhoria das Condições e do Meio Ambiente de Trabalho – da OIT). Ele realça também a necessidade de desenvolver o ensino da disciplina, ainda mais porque evoluiu ao ritmo das transformações sociais, políticas e económicas, e surgem, em consequência, novos cenários de intervenção, como o mostra o exemplo dos “Fab Lab”. A intervenção da antropotecnologia ampliou-se, indo desde o desenho até à destruição do “objeto”.
- 5 Yves Cohen, por seu lado, optou por situar a antropotecnologia na história das ciências do trabalho. Destacando o seu carácter social e etnográfico, ele mostra como a antropotecnologia *“está totalmente en fase con las exigencias de la globalización contemporánea”*, para citar as suas palavras.
- 6 Quanto à Jacques Theureau, ele propõe-nos uma discussão sobre as relações entre a antropotecnologia, tal como definida e praticada por Wisner, e a antropologia cognitiva tal como ele próprio a desenvolveu com Leonardo Pinsky. Se bem que existem pontos em comum, como o facto de partilharem uma abordagem sistémica e dinâmica, e o de se apoiarem em disciplinas como a psicologia e a antropologia, Theureau considera que a antropologia cognitiva responde mais aos critérios de cientificidade das ciências biológicas e físicas. De certa forma, pode ver-se a antropologia cognitiva como acentuando mais o nível “micro”, analisando um momento preciso de uma situação, embora possa contribuir para uma abordagem mais “macro” como a que caracteriza a antropotecnologia, sendo que ambas assentam num conceito comum: a atividade.
- 7 É assim que chegamos ao texto proposto por Yves Schwartz, “Antropotecnologia e ergologia”, que nos revela dois paradoxos de Alain Wisner: por um lado, a universalidade das potencialidades dos seres humanos *versus* a singularidade histórico-cultural mediante a qual elas se manifestam, paradoxo que, segundo o autor, se exprime na noção de atividade desenvolvida pela ergologia; o segundo paradoxo, em contrapartida, deixa campo aberto à discussão e refere-se ao próprio tratamento do conceito de atividade: se esta é objeto da normalização, o autor questiona como atua no interior de cada disciplina, já que estas parecem, muitas vezes, não ter as categorias adequadas para a incorporar.
- 8 A estas reflexões teóricas, associámos duas pesquisas empíricas que relatam situações distintas de transferência. O primeiro caso está mais centrado numa abordagem micro da atividade, enquanto o segundo trata de modo mais geral a análise, em contextos diferentes, de um mesmo tipo de situação de trabalho. Pablo Granovsky e Mario Poy apresentam um estudo realçando como, se é verdade que a transferência pode não ter efeitos imediatos na saúde e na segurança dos trabalhadores, ela pode tornar-se uma questão de *“supervivencia de los talleres (independientes de aquellos asociados a las terminales automotrices) mediante la apropiación de los nuevos objetos técnicos”*. Trata-se da transferência de uma inovação tecnológica – novos dispositivos técnicos para o diagnóstico de avarias – que não consideram os contextos nos quais passa a ser implementada, modificando completamente a atividade de trabalho, e induzindo uma

forte reconversão à eletrônica de operadores inicialmente formados na área da mecânica tradicional.

- 9 No outro caso, Laerte Sznclwar e Júlia Abrahão, a partir de um olhar antropológico, examinam, em centros de tele-atendimento no Brasil, o impacto de várias modalidades de organização do trabalho sobre a saúde dos trabalhadores. Recorrendo às ferramentas da psicodinâmica do trabalho e da ergonomia da atividade, acabam por evidenciar as consequências negativas de modos de organização do trabalho que desprezam a singularidade do contexto e as características da população empregada.
- 10 No que diz respeito ao Dicionário desta edição, voltando ao início do abecedário, solicitamos a Carole Baudin e Marianne de Troyer para definir, respectivamente, *Apropriação* e *Burnout*. Ambas as contribuições alimentam ainda a reflexão em torno da antropológica: a “apropriação” dos objetos técnicos, sejam estes materiais ou simbólicos, revela-se um ingrediente chave numa transferência tecnológica conseguida; e o “burnout”, transtorno da saúde associado à organização do trabalho, pode ser entendido como manifestação de uma evolução tecnológica ou organizacional que não contemplou suficientemente a futura atividade de quem trabalha.
- 11 Na seção de resumos de tese, o da Gloria Zavala enquadra-se também no dossier deste número, já que apresenta um estudo levado a cabo no contexto da implementação de um novo sistema informático de gestão, na administração pública chilena, com a finalidade de analisar o processo de apropriação dos novos instrumentos por parte dos usuários. A autora defende também que o processo da apropriação, dos instrumentos informáticos de gestão, assim como dos não informáticos (refere a este propósito o processo de elaboração de novos perfis laborais baseados na competência), não pode deixar de considerar as variações do contexto nas quais a atividade se desenrola, nomeadamente porque nunca se trata de uma mera implantação de objetos físicos. São processos que mais vale assumir como atravessados por acordos e equilíbrios, sempre instáveis, entre os atores envolvidos.
- 12 O resumo da tese de Lucie Cuvelier, situado fora do eixo temático deste dossier, interroga, no âmbito da anestesia pediátrica, a capacidade dos trabalhadores de gerir situações “não previstas” e “impensadas” quando existem riscos para as crianças, para eles, ou para o sistema sociotécnico global. Um dos objetivos centrais do estudo é o de contribuir para uma melhoria na gestão dos riscos na prestação de cuidados médicos. E a tese central que defende a autora é que “... a resiliência de um sistema, ou seja, sua capacidade de funcionamento em condições variáveis, previstas ou não, reside na capacidade dos operadores em articular a gestão dos riscos para o sistema e a gestão dos seus recursos próprios...”.
- 13 Para concluir este editorial, retomamos e partilhamos uma das ideias de fundo exposta por Leda Leal Ferreira no seu comentário ao texto histórico de Alain Wisner: a antropológica não é nem uma “extensão”, nem uma tendência da ergonomia, mas sim uma verdadeira reflexão sobre a adaptação da tecnologia (ou da organização) aos povos a que se dirige, tomando em conta as suas especificidades políticas, sociais, económicas e ideológicas.
- 14 O “programa antropológico” de Alain Wisner está hoje mais do que vigente e esperamos que este número especial incite os leitores de todos os países a inspirarem-se nesta abordagem nas suas práticas quotidianas, cada vez que se vejam confrontados com a transferência tecnológica nas suas diferentes formas - evoluções ou inovações

tecnológicas, deslocalizações da produção, inovações organizacionais - e contribuir assim para o bem-estar dos trabalhadores e dos países.

15 Muito boa leitura!

16 Cecilia De la Garza e Mario Poy

AUTORES

CECÍLIA DE LA GARZA

EDF R&D, Management des Risques Industriels, Av. Général de Gaulle 92140 Clamart – France
cecilia.de-la-garza@edf.fr

MÁRIO POY

Centro de Investigaciones por una Cultura de Seguridad, Universidad de San Andrés, Vito Dumas
284, B1644BID-Victoria, Buenos Aires – Argentina
mpoy@udesa.edu.ar